O texto e a leitura literária na biblioteca escolar: fundamentos, estratégias e atividades

Helena Araújo

9

bibliotecarbe
Rede Bibliotecas Escolares

leitura e literacias

9

bibliotecarbe
Rede Bibliotecas Escolares

O texto e a leitura literária na biblioteca escolar: fundamentos, estratégias e atividades

Editor Rede de Bibliotecas Escolares
Avenida 24 de Julho, 140
1399-025 Lisboa
http://www.rbe.mec.pt
rbe@rbe.mec.pt

Design gráfico Rede Bibliotecas Escolares

outubro de 2016

Araújo, Helena
O texto e a leitura literária na biblioteca escolar: fundamentos, estratégias e atividades
(Bliblioteca RBE)
ISBN 978-989-8795-04-5

CDU 027.8
028.6

Sumário

Introdução	1
Leitura: perspetivas	2
Tipos de leitura e modelos de leitor	4
Leitura na Internet e em livros eletrónicos	6
Leitura literária	8
Fases de desenvolvimento da leitura	9
Fazer leitores	13
O papel da motivação	15
Tornar-se um leitor eficiente	16
Ensinar estratégias de leitura	18
Sugestões de atividades a desenvolver pelas bibliotecas escolares	22
Construção de comunidades de leitores	27
Conclusão	29
Referências bibliográficas	30

O texto e a leitura literária na biblioteca escolar: fundamentos, estratégias e atividades

Helena Araújo

> Introdução

A leitura é hoje um fenómeno tão amplo que sentimos dificuldade em clarificar conceitos e perspetivar abordagens. A função e o lugar da leitura alteraram-se e a aquisição de informação faz-se de uma outra forma. Os jovens passam hoje muito tempo a ler e fazem-no em ambientes diversificados, sobretudo digitais e multimodais. Mas interrogamo-nos se terão as necessárias competências leitoras para compreender toda a informação veiculada de uma forma crítica e reflexiva.

As bibliotecas escolares preocupam-se com as aprendizagens, com o apoio ao currículo, com as múltiplas literacias que têm de desenvolver nos alunos, com os processos inerentes à gestão e à avaliação, com a estratégia e o *marketing*, com as novas tecnologias e a necessidade de se tentarem manter atualizadas. Mas, apesar de todas as responsabilidades que caem sobre as bibliotecas escolares, a maior de todas ainda continua a ser a de fazer leitores. Fazer leitores fluentes, críticos, interventivos, capazes de ler em vários suportes e vários formatos. Cabe à biblioteca escolar desenvolver estratégias que motivem os alunos para a leitura e que os treinem nos diferentes tipos de leitura para que se tornem melhores leitores. Numa sociedade cada vez mais exigente há que ser meticuloso nas abordagens escolhidas para se alcançar algum sucesso, designadamente nas que são protagonizadas pelas bibliotecas escolares. Por isso, as estratégias de promoção da leitura devem estar ancoradas tanto no conhecimento sociológico, biológico, psicológico e emocional dos que leem, como no conhecimento teórico, pedagógico e metodológico relativo à leitura.

Com este texto pretendemos abrir um espaço de reflexão sobre a leitura textual verbal, sobretudo a leitura literária, que é, na nossa opinião, a que mais desenvolve nos alunos a capacidade crítica e reflexiva. Para o fazer, será necessário primeiro rever alguns conceitos que nos ajudarão a consolidar esta reflexão. Conscientes de que o trabalho desenvolvido nas bibliotecas escolares para melhorar a compreensão da leitura é muito importante e bastante necessário, procuraremos apresentar estratégias de compreensão de leitura e sugerir atividades que podem ser desenvolvidas pelos professores bibliotecários, tendo em consideração as necessidades dos alunos. Iremos também dar atenção às estratégias que são utilizadas pelos leitores eficientes para ajudar outros leitores, menos eficientes, a replicá-las de forma a melhorar o seu desempenho.

> Leitura: perspetivas

Definir leitura não é fácil porque esta conjuga técnica, processos cognitivos, afetividade, vontade. A leitura começa, numa primeira fase, pela decifração de um código mas implica um processo de construção de significados e atribuição de sentidos a esse mesmo código e, para além disso, a vontade de querer ler e de desenvolver a leitura. Também é multidimensional, pois nela estão implicados processos psicomotores, cognitivos, afetivos e sociais (Crespo, 2006). São muitos os desafios, são muitas as aprendizagens. Daí que este seja um processo gradual, uma atividade de tipo evolutivo. Tornero (2011) refere que cada vez há mais necessidade de estender o conceito de leitura a qualquer suporte que permita a produção e processamento de informação. Com a Internet o conceito de leitura mudou, exigindo o domínio de outros códigos e (multi) literacias.

A conceção de leitura tem vindo a alterar-se desde o século XX e, para tal, muito têm contribuído os estudos realizados nas áreas da psicolinguística, da psicologia cognitiva e das neurociências. A conceção dominante e mais consensual, atualmente, é que a compreensão da leitura é um processo interativo que envolve o leitor, o texto e o contexto, numa relação que se quer dinâmica. Segundo esta conceção, o leitor tem hoje um lugar de destaque no que diz respeito à leitura porque os seus conhecimentos prévios, a construção que faz dos sentidos do texto, a sua própria perceção como leitor e as suas expetativas influenciam e condicionam a leitura mas as características do texto e o próprio conteúdo também a influenciam. Textos com características diferentes leem-se de maneira diferente. E se o conteúdo do texto nos for totalmente desconhecido também teremos mais dificuldade em compreendê-lo. Hoje em dia, o próprio suporte condiciona a leitura, é diferente ler um texto impresso ou um texto em formato digital porque este último possui uma estrutura não-linear que coloca outros desafios ao leitor. Por último, o contexto sociocultural do leitor também deve ser tido em consideração.

A perspetiva interativa do que é a leitura salienta que o leitor é ativo pois permanentemente processa e examina o texto, interagindo com este. Mas é importante que o leitor se guie por objetivos e finalidades para a leitura e que tenha consciência disso porque a interpretação que os leitores fazem dos textos depende muito do objetivo que conduziu à leitura. O interesse pela leitura também está relacionado com este objetivo inicial. É natural que uma leitura que é imposta, cujo objetivo prévio é apenas o de realizar uma ficha ou um trabalho não suscite tanto interesse no leitor. Solé (1992, p. 17) apresenta uma série de objetivos que nos guiam quando avançamos para uma determinada leitura: evadir-se e desfrutar; procurar uma informação concreta; seguir uma instrução para realizar uma determinada tarefa; confirmar ou refutar um conhecimento prévio; informar-se sobre algo; ler para aprender; ler para rever algo que se escreveu; ler para praticar a leitura em voz alta; ler para comunicar um texto a um auditório.

Há três fases na aquisição da competência da leitura: a fase da descodificação, quando a criança aprende o código; a fase do treino, quando a criança exercita as regras; a fase da automatização, em que o leitor já é fluente na leitura e pode dedicar-se à construção dos sentidos. Alguns estudos defendem que a aprendizagem da leitura só é conseguida quando o leitor atingir a terceira fase.

Para se compreender o que se lê, é necessário realizar um conjunto de operações cognitivas que Crespo (2006) elenca desta forma:

a. O leitor deve compreender os propósitos explícitos e implícitos da leitura que vai realizar;
b. O leitor deve questionar-se sobre o conteúdo do texto antes de ler, ativando, assim, os seus conhecimentos prévios;
c. O leitor deve ser capaz de reconhecer a informação essencial que o texto veicula, de modo a perceber se o mesmo responde aos objetivos que o conduziram à leitura;
d. O leitor deve perceber se o que está a ler tem sentido para si. Isto significa que tem de ser capaz de avaliar a consistência interna do conteúdo do texto;
e. O leitor deve implicar-se na leitura e ser capaz de elaborar e provar inferências de diversos tipos como interpretações, hipóteses, predições e conclusões.

Ora, nada disto é fácil. Exige trabalho e, por isso mesmo, muita motivação.

> Tipos de leitura e modelos de leitor

Somos hoje confrontados com um estilo de vida muito diferente do das gerações anteriores. A vida é mais agitada, o que se repercute nas necessidades que temos, nas leituras que fazemos, e nos leitores que somos. O paradigma mudou e a sociedade atual exige competências de leitura diversificadas em função dos tipos de texto com que necessitamos de interagir.

Martins e Viana (2009) relembram que há muitos tipos de textos, veiculados em suportes diferentes, que se traduzem em diferentes tipos de leitura:

- Leitura funcional – corresponde a necessidades de resposta às solicitações do quotidiano;
- Leitura informativa – responde à necessidade de se ter um conhecimento atualizado. Pode ocorrer em jornais, revistas, textos de manuais e outros livros, em formato digital ou impresso;
- Leitura recreativa.

Por seu turno, os leitores também são fruto do ambiente em que nascem e vivem e as diferenças ao nível dos genes (biológicas), das redes de pensamento e as experiências distintas influenciam-nos enquanto leitores. Silveira (2014) considera que as crianças e jovens da atualidade possuem um traço de comportamento marcante, que resulta da sociedade frenética em que vivem, que é a impaciência. Esta característica condiciona, de alguma forma, a relação que estabelecem com a leitura e o tipo de leitores que são.

Lúcia Santaella (2011) considera que há uma grande multiplicidade de modalidades de leitores. Sendo esta autora especialista em semiótica, preocupada com qualquer sistema de signos, com linguagens verbais e não-verbais e com acontecimentos culturais, optou por tipificar os leitores baseando-se antes na diferenciação dos processos de leitura por estes utilizados. Assim, considerou que há três grandes tipos de leitores que, de certo modo, foram surgindo mas que hoje coexistem e convivem: o leitor contemplativo, o leitor fragmentado e o leitor virtual.

O leitor contemplativo – é aquele que medita e tem uma relação de intimidade com o que lê (seja texto, imagem, símbolo, mapa). É um leitor que tem tempo para absorver, refletir e aprofundar.

O leitor fragmentado – vive num contexto de agitação, velocidade e de grande necessidade de operacionalidade. A leitura para este tipo de leitor visa a satisfação imediata de questões pontuais e pragmáticas, não exigindo reflexão. Este tipo de leitor nasceu do advento do jornal e dos grandes centros urbanos e adaptou-se à voracidade social tornando-se também ele fugaz, de memória curta e ágil.

O leitor virtual – surgiu na era digital. É um leitor que está permanentemente conectado. É uma leitura enriquecida por signos, sons e sensações que possibilita ao leitor uma sensação de liberdade e de compreensão rápida. No entanto, a centralidade e primazia do texto é, nestes contextos, desvalorizada. Neste ambiente rico em múltiplos

estímulos, a ação leitora requer a utilização de quase todos os sentidos de forma sincronizada e veloz.

Cerrillo (2007) fala-nos de dois tipos de leitores, "o leitor tradicional", considerado o leitor de livros, competente, leitor literário e que também lê na Internet ou noutros suportes digitais, e o "leitor novo", "consumidor fascinado das novas tecnologias", que na Internet busca a informação e a divulgação, que comunica com os outros e joga. Lê bastante, mas não é leitor de livros ou de literatura. Este leitor não acumulou ao longo da sua vida experiências leitoras diversificadas, não foi suficientemente imerso na literatura tradicional e oral, não memorizou poemas, não contou histórias. As suas experiências estão relacionadas sobretudo com os textos escolares e com uma linguagem oral típica dos adolescentes e jovens, e difundida nas redes sociais, na Internet e, um pouco menos, na televisão. As mudanças no modo de comunicar dos mais jovens estão a afetar a leitura e a sua promoção. Portanto, o que temos, hoje em dia, é um leitor que possui determinadas competências, sobretudo tecnológicas, mas a quem faltam outras competências que lhe permitam ser um leitor crítico e reflexivo e é para o desenvolvimento destas últimas que temos de trabalhar. Há já alguns leitores de media e de Internet que não conseguem compreender certo tipo de literatura porque não reconhecem a oposição entre linguagem conotativa e linguagem denotativa, entre realidade quotidiana e mundo imaginário e, por isso, é tão importante fomentar o gosto pela leitura literária. Isto não significa que as práticas ligadas à cultura audiovisual desapareçam, tem é de se procurar equilibrar esta convivência para que não estejamos a formar, tal como diz Cerrillo "neoanalfabetos".

Este conhecimento dos tipos de leitura e dos modelos de leitores permitirá aos professores bibliotecários pensar atividades que possibilitem "o contacto orientado e criterioso com outras linguagens e técnicas de informação e comunicação, conduzindo à sua utilização crítica, ponderada e justificada" (Reis, 2007). No entanto, temos também de encontrar estratégias para fomentar a leitura recreativa e literária que vão ao encontro das mundividências dos jovens.

> Leitura na Internet e em livros eletrónicos

No paradigma atual, a leitura tem de ser pensada dentro e fora da Internet. Fora da Internet ela é acessível através dos livros, tanto físicos como digitais, dos jornais, das revistas. Na Internet ela conduz-nos a uma multiplicidade de recursos. Se o digital, por um lado, potencia o risco de não se realizar uma leitura em profundidade, suficientemente contemplativa e reflexiva, por outro lado, fomenta a motivação para a leitura e estimula a interatividade e a partilha, devido à convergência de muitas linguagens e à possibilidade de criação a partir do texto. Ler *online* é muito mais difícil do que ler em papel, mobiliza destrezas digitais e competências em literacia da informação para além da competência leitora, e, por isso, os alunos precisam de muito mais ajuda do professor bibliotecário. Cassany (2012) considera que é imprescindível ensinar os alunos a realizar uma leitura profunda e crítica para que sejam capazes de filtrar e hierarquizar tudo o que leem na Internet. Para além desta atitude crítica e seletiva o leitor precisa de ter também uma atitude colaborativa porque na Internet já não basta ser apenas leitor, há que ser também autor. A leitura na Internet exige assim uma grande interatividade e obriga o leitor a ser ativo e interventivo. As bibliotecas escolares não podem alhear-se desta nova realidade e têm de incorporar nas suas práticas o desenvolvimento de competências para ler e escrever na Internet.

A leitura em livros eletrónicos é, também, uma realidade relativamente recente mas incontornável. Os mercados editoriais, as escolas, as bibliotecas estão a introduzir, progressivamente, os livros eletrónicos nas suas práticas.

O National Literacy Trust realizou, em Inglaterra, durante o ano letivo de 2014/ 2015, um estudo sobre o impacto dos livros eletrónicos na motivação para a leitura e no desenvolvimento de competências de leitura dos alunos (crianças e jovens). Foram monitorizados projetos de leitura com livros eletrónicos desenvolvidos nas escolas e os resultados permitem retirar conclusões interessantes:

- O subgrupo dos rapazes que não gostavam nada de ler aumentou significativamente a frequência de leitura fora da escola quando passou a ler livros eletrónicos. Isto significa que a leitura em suporte digital pode ser uma ferramenta para encorajar as crianças a ler por prazer, sobretudo as crianças do género masculino que não sentem prazer em ler livros em papel.
- Mas também demonstrou que, tal como em qualquer outro projeto para desenvolver a leitura, muitos fatores estão envolvidos para encorajar leitores menos confiantes. Ter disponíveis títulos variados e tentadores é uma grande ajuda, bem como ter mediadores de leitura entusiastas e com experiência para ajudar os alunos a explorar e a ler com competência nos formatos digitais. As escolas que obtiveram resultados mais positivos foram aquelas que mais conseguiram encorajar os alunos a ler em vários dispositivos móveis.
- O estudo revelou ainda que é importante reconhecer o aumento de oportunidades de leitura que os dispositivos móveis eletrónicos podem oferecer às crianças e jovens, tornando os livros digitais disponíveis nos *smartfones*, *tablets*, consolas de jogos, o que pode ser uma maneira prática de superar alguns dos obstáculos potenciais à leitura.

- E que uma biblioteca de livros digitais pode responder mais facilmente a pedidos de títulos populares, aproximando as crianças do que mais gostam e, por esse motivo, aumentar a frequência das bibliotecas.

> Leitura literária

A leitura literária é muito importante quando se fala de promoção da leitura. É a leitura literária que nos abre outras portas, que mostra outros caminhos, por isso é na leitura literária que nos podemos reencontrar e reinventar vezes sem conta. Se o que nos cativa mais como leitores é precisamente a possibilidade de paralelismos e associações entre as nossas vivências ou expetativas e o que estamos a ler, é na obra literária que encontramos a diversidade necessária para que todos os leitores se reencontrem (Silveira, 2014). Por outro lado, esta permite-nos um tipo de leitura mais profunda, mais crítica e que abra a possibilidade a imaginar mundos alternativos. A obra literária permite que o leitor interaja com ela e dela retire fruição estética e a sua função estética é extremamente importante pois é ela que faz com que seja possível desenvolvermos um conhecimento crítico do mundo e da nossa própria pessoa. Cerrillo (2007, p.20) refere-se ao "valor educativo" da literatura por ser uma via privilegiada para a cultura e para nos ajudar a interpretar a diversidade cultural. O conjunto de histórias, tradições, dramas, poemas, revelam a nossa identidade cultural e o modo como esta evoluiu ao longo dos tempos, permitindo-nos perceber as reações emocionais e racionais dos homens de tempos anteriores ao nosso e possibilitando a formação da cidadania.

Perante um leitor cada vez mais fragmentado é urgente fomentar o gosto pela leitura literária, reflexiva e contemplativa mas crucial para o desenvolvimento do cérebro.

A maior vantagem da leitura literária é que é a única que podemos nunca esquecer. Na verdade, não nos recordamos de cartas, relatórios, receitas, impressos variados mas podemos recordar por uma vida um livro que nos marcou. (Ceia, 2009, p. 5).

> Fases de desenvolvimento da leitura

A nossa relação com a leitura durante a infância e juventude é extremamente complexa e está relacionada com diferentes estádios do desenvolvimento psicológico e intelectual que influenciam os interesses e as atitudes de cada indivíduo. O que lemos, como lemos, está condicionado pelas nossas estruturas cognitivas mas não só, também os envolvimentos afetivos e emocionais, as relações interpessoais, o contexto sociocultural em que estamos inseridos influenciam esta relação.

As neurociências dizem-nos que o ser humano, ao longo do seu desenvolvimento, apresenta períodos de tempo em que há uma enorme potencialidade para a assimilação e aprendizagem de um determinado comportamento ou competência, estes são os chamados "períodos sensíveis". Quando não se adquire um dado processo neste período de tempo, poder-se-á aprendê-lo, mas nunca com a mesma eficácia. No que diz respeito à aquisição da leitura e à definição do comportamento leitor são dois os períodos que mais impacto têm. O primeiro período sensível ocorre desde o nascimento até aos 3 anos e o segundo dos 6 aos 12 anos, por isso as crianças e os pré-adolescentes são "o público mais permeável às atividades de promoção da leitura". (Silveira, 2014, p. 64)

A conceção da aprendizagem da leitura como um processo constituído por fases é importante para nos ajudar a clarificar as dificuldades do aluno, onde é que ele se enquadra. Ouvimos constantemente os professores dizer: "ele não sabe ler", "ele tem dificuldades na leitura"… mas é importante percebermos em que nível é que o aluno se encontra para ajudarmos a encontrar as estratégias mais adequadas. E quando pensamos as estratégias de leitura e as atividades a desenvolver nas bibliotecas escolares devemos pensá-las tendo em conta as necessidades de desenvolvimento dos alunos, considerando as fases em que se encontram.

Foram vários os autores, influenciados por Piaget, que se dedicaram a estudos nesta área.

Chall (1996) considera que o leitor evolui ao longo de seis fases de desenvolvimento da leitura que Sousa (2007, p. 46) apresenta do seguinte modo:

Fase zero – pré-leitura – quando a criança desenvolve comportamentos emergentes de leitor;

Fases 1 e 2 – quando a criança aprende a ler;

Fase 3 – quando os textos se tornam mais variados, complexos, desafiantes tanto linguística como cognitivamente. A leitura é utlizada como uma ferramenta para aprender, distanciando-se do registo quotidiano da própria criança e do seu conhecimento do mundo;

Fases 4 e 5 – caracterizam-se pela capacidade do leitor compreender múltiplos pontos de vista e construir conhecimento altamente abstrato;

Fase 6 – o leitor é capaz de sintetizar criticamente o trabalho dos outros e construir conhecimento a partir daí.

Outro autor, Crespo (2006), considera que, tendo em conta as várias idades, há diferentes necessidades leitoras e que as crianças e jovens se inserem em 4 grandes grupos que condicionam, de alguma forma, os seus interesses e as suas necessidades como leitores:

a. Pré-leitores (dos 0 aos 3 anos);
b. Primeiros leitores (dos 3 aos 5 anos);
c. Leitores infantis (dos 6 aos 10/ 11 anos);
d. Leitores juvenis (dos 10/ 12 anos em diante).

Cerrillo (2007), por seu turno, propõe, também com base na teoria de Piaget, uma seleção de leituras por idade. Identifica 6 estádios distintos e, para cada um deles, apresenta os conteúdos, a estrutura literária e a forma que devem ter as leituras. Os quadros que a seguir apresentamos são uma tradução dos apresentados por Cerrillo (2007):

Estádio sensoriomotor: dos 0 aos 2 anos

(ritmo e movimento)

Conteúdos	Estrutura literária	Desenho e forma
Poucos conteúdos e, às vezes, até sem sentido.	Muito sensorial.	Ilustrações muito coloridas e a ocupar toda a página.
Relacionados com a família e conhecidos.		A ação será apresentada sequencialmente, página a página.
Canções para a infância, jogos de mímica, lengalengas.	Têm muita importância as repetições, aliterações, rimas, onomatopeias. Ligação da expressão verbal à expressão gestual.	Livros de grande formato e letras muito grandes.

Estádio pré operacional: dos 3 aos 6 anos

(preparação e aprendizagem dos mecanismos leitores e escritores)

Conteúdos	Estrutura literária	Desenho e forma
Familiares à criança: casa, natureza, escola…	Interessa mais a sucessão dos acontecimentos que o argumento da história.	Formato grande. Muitas ilustrações e texto breve.
Fabulários e contos breves, que podem ser rimados.	Escassa carga conceptual. Muita expressividade. Estruturas pensadas para serem escutadas.	Letra grande.

Estádio das operações concretas I: dos 7 aos 8 anos

(primeira orientação no mundo objetivo)

Conteúdos	Estrutura literária	Desenho e forma
Contos maravilhosos e lendas extraordinárias. Fabulários.	Brevidade. Exposição clara, desenlace rápido e muita ação.	Tipografia grande e clara.
Histórias com argumento.		A ilustração continua a ser importante. É preferível que todas as páginas sejam ilustradas.
Histórias divertidas e humorísticas que contenham elementos surpreendentes.	Textos diversificados, não muito grandes, que sejam facilmente memorizados.	

Estádio das operações concretas II: dos 9 aos 11 anos

(interesse pelo mundo exterior)

Conteúdos	Estrutura literária	Desenho e forma
Aventuras reais e fantásticas.	Ação dinâmica.	Ilustrações fiéis ao texto.
Biografias simples.	Diálogos.	
Ausência de moral.	Descrições breves.	Tipografia normalizada.
Elementos humorísticos.	Caracterização de personagens.	Formato convencional.
Desporto.		
Vida animal.	Sintaxe simples.	Livros com mais ou menos 120 páginas.

Estádio das operações formais: dos 12 aos 14 anos

(aquisição gradual da personalidade)

Conteúdos	Estrutura literária	Desenho e forma
Com argumento desenvolvido.	Exposições detalhadas e descrições extensas.	Extensão variável.
Narrativas reais, atuais, históricas. Biografias documentadas, livros de humor e sobre desporto.	Devem evitar-se os saltos bruscos no tempo.	Apresentação atrativa.
Livros de mistério e de ficção.	As histórias devem dar resposta aos problemas apresentados inicialmente.	Podem ter ou não ter ilustrações.
Livros que contêm histórias criativas e capazes de provocar surpresa.		

Estádio da maturação: a partir dos 15 anos

(acesso à leitura plena).

Neste estádio, deve dar-se atenção à seleção das temáticas: podem ser temas que ajudem a conhecer o mundo, a resolver problemas, a fazer refletir sobre responsabilidades sociais. A estrutura literária e o desenho e forma serão já idênticos aos das leituras para adultos.

Muitos são os autores que relacionam as fases de desenvolvimento cognitivo com o desenvolvimento da competência leitora ou com a seleção das leituras mais apropriadas. Apesar de pequenas divergências na delimitação dos diferentes estádios, há muitos pontos em comum nestas teorias. O que importa é compreender como é que estas fases influenciam o modo como se lê e, neste sentido, o seu conhecimento pode ser muito importante para o mediador de leitura. O professor bibliotecário terá, assim, mais facilidade em selecionar livros e em adequar as atividades de promoção de leitura a cada idade.

> Fazer leitores

"E se em vez de exigir leitura o professor decidisse de repente partilhar o seu prazer de ler?" Pennac (1995, p. 77)

Não são as festas e os grandes eventos que fazem leitores, eles apenas chamam a atenção para a importância da leitura. O que faz leitores é a prática continuada da leitura e a biblioteca escolar é o espaço privilegiado, dentro das escolas, para esta prática:

> A leitura na escola está sujeita a processos de avaliação, a estratégias e atividades pautadas que promovem resultados tangíveis. Estes resultados assinalam destrezas e níveis de compreensão instantânea. Este tipo de atividades ajuda a incrementar a informação e inclui mecanismos de compreensão, mas nenhuma delas, em si mesma, estimula o prazer leitor. (Castro, 2012, p. 30)

Cada um tem de descobrir por si o prazer de ler. Os professores bibliotecários e outros professores ou mediadores são muito importantes porque inspiram, conduzem, mas são as experiências pessoais de leitura de cada indivíduo que são determinantes.

Linuesa (2007) diz-nos que uma das técnicas mais eficazes de fazer leitores é oferecer modelos, sejam eles, pares, professores, pais. Quem é leitor e quem ama a literatura de certeza que partilhará esse gosto. E é neste sentido que defende que é preciso formar professores para que sejam leitores, para que conheçam bem a literatura e que saibam ser mediadores de leitura.

Mas esta mediação de leitura não pode ser feita de forma totalmente escolarizada, no sentido em que é uma leitura imposta cujo único objetivo é o de avaliar a leitura através de questionários, fichas, resumos. Pennac (1995) assume-se como um grande crítico da instituição escola no que diz respeito a esta forma de encarar a promoção da leitura e defende que para se conquistar leitores tem de se oferecer a leitura como um prazer e não se deve pedir nada em troca. É necessário criar condições favoráveis, oferecer possibilidades e esperar que a curiosidade desperte.

Martins e Viana (2009) chamam a atenção para um aspeto que também nos preocupa e que é a prática de fazer nas bibliotecas animações de leitura em que se investe apenas na narrativa oral e nas expressões plásticas e musicais ou dramáticas, num caráter quase de entretenimento, esquecendo completamente o livro. De facto, sem o contacto direto com o livro e com as palavras as crianças e jovens não fruirão o valor estético da linguagem. Para promover a leitura autónoma teremos de realizar atividades que fomentem o contacto direto com o livro. De um outro ponto de vista, se a atividade se centrar demasiado nos estímulos visuais, auditivos e multimédia, o nosso cérebro vai preferir concentrar-se nesses estímulos, que são muito mais atrativos e prendem a atenção, do que na prática da leitura contemplativa, que é muito mais estática. Isto significa que teremos de equilibrar o tempo que dedicamos a estas atividades em favor do ato da leitura para conseguirmos que os alunos ganhem hábitos de leitura.

"O recurso à animação só se justifica se o trabalho for de e para o livro, ou seja, o trabalho do pensamento crítico através da leitura" (Silveira, 2014, p. 92)

É necessário encontrar um equilíbrio, a promoção da leitura nas bibliotecas escolares tem que ser bem pensada para preparar atividades que respondam aos objetivos que se pretendem alcançar – melhorar a competência leitora dos alunos – sem esquecer o prazer de ler.

Segundo Linuesa (2007, p. 133) "fazer leitores parece ainda mais custoso do que ensinar a ler (…) e não é verdade que estas competências se desenvolvam espontaneamente". É muito importante que se criem nas escolas ambientes que valorizem a leitura e, neste sentido, esta autora (2007, p. 148-151) sugere algumas técnicas que podem ajudar:

- "Valorizar a leitura como um assunto importante, divertido e aprazível. Que o próprio tempo letivo acolha o próprio facto de ler com o interesse e a qualidade com que se realizam outras tarefas.";
- Falar com paixão de um livro, ler/ contar uma história com deleite;
- Deixar tempo de leitura livre no horário escolar. Concretizar um espaço e um tempo em que ler seja um motivo de descontração;
- Trocar opiniões com os professores, colegas, outros adultos sobre os livros lidos e sobre os livros que estão na moda…;
- "Relacionar a leitura com outras possibilidades expressivas";
- "Criar oficinas de escrita e leitura nas quais as crianças inventem histórias, as componham", criem livros coletivos, redijam recontos;
- Reforçar a ideia de que a leitura é muito mais do que um conhecimento académico;
- "Forjar a ideia de que na biblioteca, nos livros, podem encontrar-se respostas para determinadas questões".

Segundo Silveira (2014), uma das razões que pode explicar que os jovens ou adolescentes não gostem de ler poderá residir no desconhecimento das "redes de significação" dos jovens ou adolescentes por quem medeia a leitura. Quando os textos e as atividades em redor do texto não têm qualquer relação com os esquemas de pensamento dos potenciais leitores, perde-se, quase de imediato, o interesse. Por isso, é fundamental que o professor bibliotecário ou o mediador conheça bem a comunidade em que vai mediar a leitura, que estabeleça laços afetivos com ela, que conheça os seus interesses e recorra a novas abordagens, com recurso a ferramentas tecnológicas.

> O papel da motivação

> "A análise da motivação torna-se fulcral e indispensável no estudo da aprendizagem e das práticas de leitura, pois só recorrendo a este conceito é possível compreender, por exemplo, por que razão há crianças que, embora leiam fluentemente, não leem com regularidade." (Vilar, 2016, p. 61)

Diz-nos Solé (1992) que nenhuma atividade de leitura se deve iniciar sem que a criança esteja motivada para o fazer e sem que lhe encontre sentido. A motivação está muito associada às relações afetivas que o leitor vai estabelecendo com a língua escrita e essa vinculação, por seu turno, também se estabelece mais facilmente quando o aluno vê que os seus professores, pais, amigos, familiares mais chegados valorizam a leitura e usufruem, com prazer, da mesma. Por outro lado, para se sentir motivada, a criança ou o jovem tem de ter alguns indícios de que irá ter algum sucesso na leitura. O professor bibliotecário tem de estabelecer vínculos emocionais com as crianças e jovens e revelar o seu amor pelos livros e o prazer que sente na leitura para se apresentar como um modelo e potenciar a motivação.

Martins e Viana (2009) dizem-nos que "um indivíduo está intrinsecamente motivado para ler quando realiza esta atividade pelo prazer que ela lhe proporciona". Mas a atividade associada à leitura tem de constituir uma novidade, apresentar algum tipo de desafio, ou possuir valor estético e dela têm de advir consequências que promovam a motivação intrínseca. Ora, para isso, é necessário investir na motivação extrínseca. A motivação intrínseca envolve um aval pessoal, como a curiosidade, o envolvimento, a importância de que a atividade se reveste para o indivíduo e a motivação extrínseca envolve submissão a um controle externo, sendo que as boas notas, o reconhecimento dos professores ou dos parceiros, a competição são fontes de motivação extrínseca. "Muitos dos nossos comportamentos intrinsecamente motivados começaram por resultar de motivações extrínsecas. Assim, quando pretendemos fazer emergir, incrementar ou mudar comportamentos, não podemos esquecer a motivação extrínseca e as fontes de reforço que lhe estão associadas (…). À semelhança de muitos outros comportamentos humanos, a iniciação à leitura faz-se pela via dos afetos (motivação extrínseca) mas a integração de leitura no repertório comportamental de cada um exige que a atividade tenha significado e seja valorizada pelo próprio (motivação intrínseca) " (Martins e Viana, 2009, p. 23).

Um aspeto determinante para fomentar a motivação extrínseca dos leitores passa pela seleção dos textos com os quais se pretende motivar para a leitura. Os textos devem "veicular informações que vão ao encontro dos interesses e das preferências dos leitores, ser adaptados às suas competências linguísticas e ter em conta os seus padrões culturais." (Martins e Viana, 2009, p. 32) Será sempre mais fácil para o leitor ler textos adequados ao seu nível de compreensão e aos seus gostos e ficará muito mais estimulado, logo muito mais atento, por livros que lhe despertem a curiosidade.

A motivação poderá ser o trampolim para se tornar um leitor eficiente. A investigação tem demonstrado que as crianças e os jovens mais motivados leem mais e usam mais estratégias de compreensão da leitura, logo, leem melhor. Por outro lado, o ensino de estratégias de compreensão de leitura leva a que mais alunos se sintam motivados para ler mais.

> Tornar-se um leitor eficiente

O conhecimento que temos hoje disponível sobre o comportamento dos leitores eficientes permite-nos identificar algumas características que devemos trabalhar com os leitores menos eficientes.

Em primeiro lugar, para nos tornarmos leitores eficientes é necessário que sejamos leitores fluentes, que a leitura esteja suficientemente automatizada para que não seja um sofrimento. Para além disso, mas não menos importante, para nos tornarmos leitores competentes temos de ir estabelecendo vínculos emotivos com a leitura. Temos de ir tendo, ao longo da nossa vida, experiências de leituras significativas, que nos marquem e que nos ajudem a construir uma espécie de autoestima leitora. Para acumularmos experiências de leitura significativas é preciso ler muito porque não se consegue prever o lugar, nem o momento, em que uma dessas experiências marcantes irá ocorrer (Crespo, 2006).

O leitor competente é aquele que possui a capacidade de descodificar, compreender e interpretar a mensagem que lê. É um processador ativo de texto, mesmo não tendo consciência disso, estando sempre, inconscientemente, a verificar as hipóteses que o vão ajudando a compreender o texto. Talvez um bom exemplo para explicar este processo seja o do romance criminal. Pensem, quando lemos um romance criminal o que fazemos constantemente? A leitura é um processo constante de elaboração e verificação de predições que conduzem à construção de uma interpretação (Solé, 1992).

> Os bons leitores assumem sempre uma postura ativa em relação aos textos, formulam implicitamente objetivos para a leitura, antes de ler dão uma vista de olhos ao texto para ficarem com uma noção acerca da estrutura e das partes que podem ser mais relevantes ou mais interessantes. Durante a leitura preveem o que se segue, decidem o que vale a pena ler com cuidado, o que podem ler depressa, o que não vale a pena ler e o que vale a pena reler, constroem significados, reveem e questionam o texto, avaliam constantemente se estão a atingir o que lhes interessa e vão introduzindo ajustamentos no processo (…) A compreensão exige esforço e persistência, mas para os bons leitores é um processo produtivo, sempre associado a sentimentos de satisfação (Duke & Pearson, 2002). Pode portanto considerar-se que a compreensão é o ato de construir significado a partir do texto escrito. (Vilar, 2016, p. 71).

O que faz, automaticamente e de forma inconsciente, um leitor eficiente? Neville-Lynch (2005) diz-nos que um leitor eficiente:

a. Interage constantemente com o texto. Enquanto vai lendo, vai refletindo, questionando, antecipando acontecimentos. Antes de começar a ler, vê o índice, lê a informação da contracapa, dá uma vista de olhos sobre os capítulos e apercebe-se de como o livro está organizado, lê glossários, apêndices, tudo o que lhe possa dar alguma informação adicional para se preparar para a leitura e compreensão do texto. No caso da ficção, em que o envolvimento emocional é grande, o leitor eficiente

não se preocupa muito em visualizar primeiro o texto mas vai antecipando eventos, fazendo predições e, no início, interroga-se sobre: quem? o quê? quando? onde?

b. Monitoriza as suas reações emocionais e o seu pensamento, tendo consciência de como a sua matriz pessoal influencia a compreensão da leitura.

c. Avalia a leitura que faz ao nível do vocabulário, das dificuldades que vai sentindo, quer ao nível da compreensão da leitura, quer ao nível da falta de interesse.

d. Está auto motivado porque encontra um objetivo para a leitura que realiza e por isso é mais persistente, mais flexível para tentar novas abordagens e procurar novos sentidos.

e. Está relaxado e tranquilo durante a leitura e perante a leitura.

E, nesta linha, o que poderá fazer um professor bibliotecário ou um mediador para ajudar um aluno a tornar-se um leitor eficiente?

a. Ensinar a visualizar primeiro o texto antes de iniciar a leitura para o aluno se familiarizar com o que o texto contém. Ensinar a interpretar os índices, os títulos e subtítulos, o conteúdo da contracapa para ajudar os alunos a formar uma representação coerente do texto antes de proceder à sua leitura.

b. Orientar a leitura através de questões que vai colocando e através de explicações claras que ajudem o aluno a compreender as estratégias que deve utilizar. O aluno deve ser orientado para interagir com o texto enquanto lê. Como é que isso pode ser feito?

   Exemplos de questões que se podem ir colocando sobre o texto:

   - Porque é que esta personagem está a fazer isto?
   - Qual é a relação entre estas personagens?
   - Como estão as personagens a interagir umas com as outras?
   - Será que as ações das personagens são consistentes com o seu pensamento?
   - Qual é o tom ou o ponto de vista do narrador?
   - Qual é a natureza do problema e quais são as soluções?

c. Conversar sobre as reações dos alunos à leitura. Exemplos de questões para interpretar as reações emocionais ao que se lê:

   - Quais são os teus pensamentos sobre… ?
   - Como reagiste a esta passagem?
   - Em que é que esta passagem te levou a acreditar?
   - O que é que esta passagem te sugere?

d. Ajudar os alunos a encontrar objetivos para a leitura.

e. Proporcionar espaços e ambiente de leitura tranquilos e relaxados sem criar um clima de competição.

> Ensinar estratégias de leitura

Apesar da competência leitora ser muito importante para as aprendizagens e para o sucesso dos alunos, e isso ser reconhecido por todos, a verdade é que o ensino de estratégias de leitura nas escolas ainda não é o desejado. O trabalho que se realiza habitualmente, sobretudo na sala de aula, passa muito pela leitura do texto e pelo preenchimento de fichas. Ora, quando se fazem fichas sobre um texto já se está a avaliar se o aluno compreendeu o texto e daí que se espere obter uma resposta correta. Mas não se está a ensinar as estratégias que podemos utilizar para vir a compreender esse mesmo texto. No fundo, é ensinando estratégias de leitura que ajudamos os leitores a tornarem-se mais autónomos e as bibliotecas escolares devem desenvolver atividades que possibilitem o ensino de estratégias de leitura. Solé (1992) diz-nos, a este respeito, que as estratégias são procedimentos, facilmente generalizáveis, que podem ser aplicados e transferidos para múltiplas e variadas situações de leitura e que nos ajudam a compreender os textos.

Ensinar estratégias de leitura implica que o professor bibliotecário ou um mediador de leitura intervenha de forma a:

- Ativar o conhecimento prévio do leitor;
- Ajudar a estabelecer objetivos de leitura;
- Clarificar as dúvidas que vão surgindo;
- Levar a predizer e a estabelecer inferências;
- Estimular no leitor a reflexão crítica e a capacidade de resumir e sintetizar o que lê.

Neste processo "destaca-se a importância da utilização da reflexão através da interrogação e de desafios que necessitem de recurso ao pensamento, de modo a evocar o pensamento deliberado, esforçado e ordeiro". (Silveira, 2014, p. 95)

É muito importante que o leitor perceba a intenção subjacente à leitura de determinado texto. Também é fundamental que traga para a leitura os conhecimentos prévios que possui e que sejam pertinentes para o ajudar a compreender melhor o que está a ler. O conhecimento prévio ajuda o leitor a perspetivar o conteúdo do texto, estimula o interesse, favorece a atenção e facilita a seleção da informação. Já durante a leitura, o leitor tem de aprender a dirigir a sua atenção para o fundamental e para a elaboração contínua de inferências de diversos tipos: interpretações, hipóteses, predições e conclusões. A inferência é uma previsão realizada pelo leitor a partir das evidências transmitidas pelo texto e leva o leitor a descobrir, decifrar, encontrar soluções, compreender ações. Assim, o mediador deve orientar o leitor para que este se vá questionando:

- O que tenho para ler? Para que tenho de lê-lo?
- O que sei eu sobre os conteúdos deste texto?
- O que é mais importante neste texto?
- Tem sentido este texto?

- O que se pretendia explicar com isto?
- Como tudo isto irá terminar?

O objetivo de ensinar a fazer inferências é permitir à criança ou jovem apropriar-se das operações e ações durante a leitura que contribuem para o tornar um leitor competente.

As estratégias de leitura utilizadas na leitura impressa e na leitura digital são semelhantes, importa, no entanto, perceber que no caso da leitura de textos a que se acede *online* e/ou que se leem em écrans é necessário ensinar o aluno a navegar, e, também, a pesquisar, a sintetizar e a avaliar a informação de modo a selecionar a que é mais relevante (Melão e Balula, 2012). A biblioteca escolar é o espaço ideal para proporcionar experiências de leitura digital que exigem o desenvolvimento articulado e transversal de competências de literacia da informação, de literacia da leitura e de literacia dos media.

A literatura sobre a leitura refere-se muito frequentemente a três momentos fundamentais: antes de começar a ler; durante a leitura; após a leitura para os quais devemos preparar atividades concretas que conduzam ao desenvolvimento de estratégias de leitura. Verónica Pontes e Lúcia Barros (2007) sistematizam os principais objetivos.

> As atividades de pré-leitura têm como objetivos:

- Ativar e construir a competência enciclopédica do aluno, através da exploração de elementos paratextuais, como a capa, o título, as ilustrações, encorajando-o a expressar as suas ideias e a partilhar as suas experiências;
- Despertar a curiosidade dos alunos, motivando-os para a leitura, através do levantamento de hipóteses acerca do conteúdo da obra e estabelecendo objetivos de leitura, que visam auxiliar o aluno na interpretação do texto.

Exemplos de atividades de pré-leitura que podem ser dinamizadas na biblioteca escolar com os alunos:

- Leitura dos catálogos das editoras ou das contra capas dos livros que vão ser lidos e conversa sobre o que aquela apresentação suscita;
- Análise da ilustração da capa para inferir o conteúdo da obra;
- Apresentação aos alunos de pequenas frases ou excertos retirados da obra para lhes permitir inferir alguma informação a partir dali;
- Utilização de caixas com objetos que surgem na obra que vai ser lida e que vão fomentando o diálogo sobre o tema do texto;
- Organização de vários pacotes de imagens, fotografias, gráficos ou mapas sobre o tema que se vai trabalhar.

> As atividades durante a leitura têm como objetivos:

- Preparar o aluno para usar estratégias de compreensão;
- Familiarizá-lo com a estrutura do texto;
- Focar a sua atenção na linguagem;
- Facilitar a compreensão sobre personagens, acontecimentos, temas, ideias-chave;
- Colaborar na construção de sentidos e interpretações.

É durante a leitura que o aluno mais se envolve com o texto, estabelece conexões, questiona, cruza a informação.

Exemplos de atividades durante a leitura que podem ser dinamizadas na biblioteca escolar com os alunos:

- elaboração de um mapa de comportamentos da personagem onde se registam e se avaliam as atitudes e comportamentos de cada personagem;
- preenchimento de um caderno onde os alunos anotem informações e inferências sobre a obra (por exemplo, no lado esquerdo do caderno, anotam informações importantes sobre a secção/ capítulo que estão a ler; no lado direito, registam as razões pelas quais acha que aquela informação é importante/ determinados acontecimentos estão a acontecer);
- produção de diários de leitura que podem ser ou não ilustrados e que podem ser físicos ou digitais; criação de "blogues de personagens" onde os alunos assumem o papel de uma dada personagem da obra que estão a ler, defendem os seus pontos de vista, comentam as suas atitudes e comportamentos.

> As atividades após a leitura têm como objetivos:

- Encorajar respostas pessoais;
- Promover a reflexão sobre o texto, convidando os alunos a expressar o que é mais significativo para eles;
- Facilitar a organização, a análise e a síntese de ideias;
- Proporcionar oportunidades de partilha e construção de significados com os colegas.

Exemplos de atividades após a leitura que podem ser dinamizadas na biblioteca escolar com os alunos:

- Organização de um atelier de escrita criativa com recurso a ferramentas digitais;
- Elaboração de esquemas conceptuais e mapas semânticos a partir dos textos;
- Seleção de passagens significativas e sua partilha;
- Construção da capa de uma revista, destacando os aspetos mais importantes da obra;

- Elaboração de questionários multimédia sobre a obra para serem respondidos por outros alunos;
- Produção e partilha de livros digitais.

> Sugestões de atividades a desenvolver pelas bibliotecas escolares

Tendo em conta os estudos realizados e as várias teorias que cruzam o desenvolvimento cognitivo com as diferentes fases de leitura, categorizámos os diferentes tipos de leitor de modo a sugerirmos algumas estratégias que podem ser desenvolvidas pelas bibliotecas escolares de acordo com as necessidades dos alunos. As sugestões de atividades a desenvolver resultam de um levantamento efetuado em várias obras indicadas na bibliografia.

Pré-leitor

A criança (0 - 5 anos) necessita de	Sugestões de atividades a desenvolver
Conhecer regras e convenções associadas ao material escrito; Desenvolver a sensibilidade fonológica e o conhecimento das relações entre o oral e o escrito; Experimentar os diferentes usos da linguagem; Desenvolver o gosto pelas atividades de leitura e escrita.	Falar sobre o material impresso que rodeia as crianças, destacando a função desse mesmo material; Usar canções, rimas e lengalengas desenvolvendo o prazer de explorar a língua; Ler histórias e outros materiais impressos numa variedade grande de contextos e atividades; Modelar o processo de leitura e escrita permitindo que a criança veja como se faz; Realizar sessões de natureza experimentalista (ouvir, tocar, cheirar); *[1] Interagir com as crianças durante atividades que envolvam leitura e escrita; Organizar atividades que possibilitem à criança contar, recontar e inventar histórias.

*[1] "O Livro grande" (Fernandes, 2007, p. 27) é, para esta faixa etária, um bom recurso para se fazer a leitura partilhada entre todos. A investigação tem referido o uso deste material como muito importante para desenvolver competências de leitura. Um livro de grande formato permite a todas as crianças verem bem as letras e as imagens e possibilita uma maior interação entre a criança e o objeto livro, tanto nas atividades de pré-leitura como durante a leitura. A leitura da história pode ser precedida pela análise do livro e por um diálogo onde as crianças sejam levadas a fazer predições sobre a história. À medida que se vai lendo, o livro grande possibilita que se vá apontando para as palavras e poder-se-á, também, fazer reflexões em voz alta sobre as personagens e os acontecimentos. Quando a leitura termina, pode-se conduzir a criança a refletir sobre o que foi essencial e a rever excertos já lidos.

Leitor Aprendiz

Necessita de	Sugestões de atividades a desenvolver
Desenvolver a fluência leitora; Aumentar o vocabulário; Relacionar o texto com conhecimentos anteriores; Organizar a informação de um texto lido; Descobrir o prazer de ser capaz de ler e fruir uma história sozinha ("Ler em termos pessoais"); Começar a desenvolver o pensamento simbólico e abstrato.	Organizar ateliês de leitura em voz alta: memorizar e reproduzir sequências de sons, trava línguas, lengalengas, poemas, cantar; Proporcionar o diálogo a partir das leituras: a previsão dos acontecimentos, a clarificação dos sentidos, a discussão do vocabulário desconhecido; a análise das ilustrações; Ler textos de diferentes tipologias: para descobrir elementos pirata; para descobrir diferenças (em 2 versões do mesmo texto); para fazer corresponder imagens a descrições; para realizar um percurso; Descobrir os elementos paratextuais dos livros e antecipar o conteúdo do livro; *[2] Proporcionar momentos para contacto com livros diversificados e seleção de obras para leitura autónoma; Recontar, oralmente ou por escrito, histórias lidas e ouvidas; Organizar histórias, elaborando registos cronológicos de acontecimentos ou reorganizando segmentos previamente truncados, utilizando, preferencialmente, as novas tecnologias; Realizar leituras em coro; Produzir com os alunos *podcasts* com leituras feitas por eles; Realizar pequenas dramatizações de textos ou adaptações a BD.

*[2] "Amostras para Ler+" é um projeto que visa estimular a leitura pessoal e autónoma e que foi desenvolvido pela RBE e pelo PNL. Poderá ser desenvolvido no 1.º e 2.º ciclo e proporciona aos alunos momentos de apresentação de livros, para os ajudar na seleção de obras a ler. A apresentação dos livros poderá ser feita pelo professor bibliotecário, pelo professor da turma ou pelos próprios alunos mas a partir de uma listagem de livros recomendados. A atividade deverá desenvolver-se com periodicidade quinzenal e permitirá que os alunos, ao longo do ano, tenham acesso a uma amostra representativa de livros disponíveis na biblioteca escolar. O aluno deverá depois escolher, dos livros apresentados, aquele que vai ler e poderá, no fim da leitura, fazer um registo breve das impressões pessoais que a leitura lhe suscitou. http://www.rbe.mec.pt/np4/file/1112/amostras_para_ler_.pdf

Leitor Consistente

Necessita de	Sugestões de atividades a desenvolver
Utilizar a leitura como uma ferramenta para aprender; Fazer inferências a partir da informação contida no texto; Avaliar criticamente textos; Tomar consciência que a literatura lhe proporciona outras experiências estéticas, mais imaginárias e criativas (“Ler e escrever para fruição estética”).	Organizar competições/concursos de leitura entre 2 turmas ou mais, em que os alunos leem e elaboram perguntas para os adversários responderem; Elaborar com os alunos mapas literários e de personagens ou quadros de sentimentos e contrastes de modo a permitir a interação com o texto; Sintetizar histórias lidas e ouvidas; Envolver os alunos na realização de booktrailers e na sua disponibilização online ou numa emissão de rádio onde se fale sobre livros; Adaptar, com os alunos, um livro a uma peça de teatro, a um filme ou a uma banda desenhada; Incentivar a leitura em ambientes digitais; Usar ferramentas digitais para contar histórias; Proporcionar momentos de aconselhamento/ partilha de leituras; *[3] Preparar, com os alunos, exposições alusivas a livros ou a temáticas presentes em livros.

*[3] “A corrida ao humor” – Utilizar o tema do humor é ótimo para os adolescentes e uma excelente forma de introduzir prazer na leitura. Esta é uma atividade praticada no Québec que Poslaniec (2006, p. 73) nos apresenta. Esta atividade consiste numa espécie de competição no interior de um grupo em que cada aluno deve trazer o máximo de textos humorísticos que encontrar, em vários suportes. Depois os textos são selecionados e é montada uma exposição na biblioteca escolar. Os textos recolhidos podem ir desde excertos de revistas, artigos de jornal, excertos de romance, caricaturas, excertos de BD. Esta corrida ao humor pode durar até duas semanas.

Leitor Juvenil

Necessita de	Sugestões de atividades a desenvolver
Sentir que o seu conhecimento, as suas experiências e as suas vivências são valorizados; Construir conhecimento altamente abstrato; Reconhecer valores culturais presentes nos textos; Compreender múltiplos pontos de vista; Interpretar a linguagem simbólica; Ler e escrever para fruição estética.	Disponibilizar no blogue ou sítio da biblioteca impressões de leitura elaboradas por alunos; Proporcionar momentos de leitura entre pares, em que os grandes leem para os pequenos; Organizar oficinas de escrita onde se podem, por exemplo, elaborar diários de leitura ou textos criativos a partir de leituras feitas; Produzir e divulgar *ebooks*; Contar histórias utilizando diversas ferramentas digitais; Configurar páginas de entrada dos computadores da biblioteca para sítios sobre livros, revistas e jornais; usar «protetores de ecrã» para difundir mensagens acerca de leituras recomendadas; *[4] Organizar círculos de leitura, clubes de leitura ou fóruns promovendo a discussão à volta de leituras realizadas e com possível recurso às ferramentas e serviços da Web.

*[4] Os "Círculos de leituras" (Sousa, 2007, p. 54) ou "clubes de leitura" devem ser constituídos por pequenos grupos de alunos que leem e conversam sobre livros que eles próprios escolhem. O professor bibliotecário ou mediador preparam inicialmente o grupo para a atividade, explicando ou negociando com os alunos o modo como esta se irá processar. O grupo, ao nível de competências de leitura, deverá ser heterogéneo para que os alunos com mais dificuldades, ao interagirem com os seus pares, melhorem as suas competências de leitura. Quando os alunos conversam com os seus pares sobre as leituras realizadas, quando analisam as suas emoções e reações perante as leituras e o modo como os textos operam, compreendem melhor o que leem. Estes círculos de leitura ou clubes de leitura devem ser regulares e calendarizados, o prazo para a leitura da obra é fixado previamente, as conversas sobre os livros são abertas e naturais e poderão ser, ou não, mediadas por um adulto. Quando a leitura do livro termina haverá uma partilha para o exterior, estando sempre o aluno no centro do processo de leitura, e recomeça-se o processo com a leitura de um outro livro. Essa partilha poderá ser feita oralmente, através da escrita num blogue, numa rede social… Estes círculos de leitura podem ser organizados para alunos desde o primeiro ciclo ao ensino secundário mas devem ser adequados aos diferentes contextos. Para mais informações sobre "clubes de leitura" aconselha-se a consulta do documento: *Ler, é para já: Clube de leitura*, disponível no portal da RBE em http://www.rbe.mec.pt/np4/np4/?newsId=1035&fileName=clube_leitura_impressao.pdf

Leitor Crítico

Necessita de	Sugestões de atividades a desenvolver
Ler para construir e reconstruir conhecimento; Desenvolver o espírito crítico; Aprofundar a capacidade de compreensão inferencial; Exprimir pontos de vista, suscitados por leituras diversas, fundamentando; Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos; Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo; Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.	Envolver os alunos na produção de livros (ou áudio livros ou livros digitais) que reflitam a evolução dos mesmos enquanto leitores; Criar grupos de leitura/grupos de discussão – apresentação, diálogo, criação, fruição para apresentação de livros, para discussão e comparação de temáticas de livros e para debater questões éticas; Publicar uma revista com comentários críticos das leituras realizadas pelos alunos; *[5] Promover a participação dos alunos em comunidades de leitura existentes na Internet (canais de Booktube); Promover a partilha de citações, selecionando trechos de obras que considerem interessantes ou estimulantes; Organizar com os alunos sessões de leitura de partilha intergeracional com instituições parceiras; Envolver os alunos na dinamização de palestras, com escritores ou outras personalidades.

*[5] Os Booktube que existem no espaço virtual da Internet estão em grande desenvolvimento. Os Booktube são canais no Youtube onde os jovens postam vídeos sobre os livros que leem, apresentam resenhas de livros e até criam a sua própria estante de livros. Estas comunidades são bons sítios para se tomar contacto com novos livros e para partilhar a paixão pelos livros e pela leitura e são serviços da Web 2.0 que podem claramente fomentar a promoção da leitura.

> Construção de comunidades de leitores

A formação de leitores não pode restringir-se a uma ação localizada na disciplina de Português. É a escola que tem de criar ambientes favoráveis à leitura, que deve proporcionar situações onde as experiências de leitura não sejam "dolorosas", que não associem o livro exclusivamente ao estudo. A biblioteca escolar é o espaço privilegiado para estas diferentes experiências de leitura ocorrerem.

Estudos demonstram que as práticas de leitura dos mais novos estão muito ancoradas na partilha de leituras entre pares e que esta leitura partilhada é muito desejada pelos adolescentes e jovens. As atividades em que jovens apresentam aos colegas as obras que mais gostaram de ler desperta nos outros a vontade de ler. Por esse motivo devíamos apostar mais na criação de comunidades interpretativas, não sujeitas a avaliação, onde os jovens pudessem ter um espaço de diálogo sobre as leituras e que fosse organizado tendo em conta os seus gostos e interesses. (Martins e Viana, 2009)

"A construção de uma comunidade de leitores reflexivos e interatuantes, apreciadores do prazer dos livros e da literatura" pode fazer-se através de várias estratégias, tal como preconiza Azevedo (2014, p. 61):

- Pela leitura de obras integrais e pela constituição de círculos de discussão e de partilha coletiva de emoções e afetividades que os textos sugerem aos seus leitores;
- Pela leitura e valorização partilhada de textos criativos construídos pelos próprios alunos;
- Pelo levantamento de histórias do património local;
- Pela leitura partilhada com os adultos;
- Pelo incentivo à criação e manutenção de diários de leitura.

No fundo, o que se pretende com estas comunidades é que todos os intervenientes compreendam e sintam na pele a importância da leitura como prática aglutinadora.

Furtado e Oliveira (2010) consideram que é necessário criar ambientes híbridos e olhar para os livros digitais, as redes sociais, a Internet em geral como oportunidades para motivar para a leitura. As novas tecnologias têm possibilitado o aparecimento de comunidades de leitores na Internet. Sobretudo os mais jovens têm aderido bem a estas comunidades na Web e utilizam-nas para partilhar gostos, interesses literários, experiências. São agora leitores-autores porque não só leem como produzem e partilham informação dentro de uma comunidade. As atividades que se desenvolvem em redor dos textos, nestas comunidades, exigem que se explique o que se leu e que se diga o que se pensa sobre o que se leu, aliando a leitura à escrita.

Para apoio ao desenvolvimento de muitas das atividades aqui sugeridas, aconselhamos a consulta do site *Aprender digital - Ferramentas digitais ao serviço das literacias*: http://aprender-digital.Webnode.pt/literacia-da-leitura/compreens%c3%a3o-leitora/ onde há

informação e ligações diretas a ferramentas que permitem um trabalho diferente no âmbito da literacia da leitura. São identificadas ferramentas e *apps* para desenvolver as atividades relacionadas com: conversas sobre livros; apresentações sobre livros e recomendações de leitura; compreensão leitora; escrita; *ebooks*; audiotextos.

> Conclusão

Pretendemos com este texto abrir um espaço de reflexão e apresentar algumas sugestões. Tal como afirmámos no início, a leitura é hoje um fenómeno muito amplo que ocorre em "ambientes diversificados, sobretudo digitais e multimodais". A proficiência em leitura não se cinge só ao texto impresso. É fundamental que os jovens desenvolvam competências tanto na leitura impressa como na leitura digital. O PISA 2009, que avaliou a competência dos jovens ao nível da leitura digital, revelou que, em média, o nível de proficiência em leitura impressa é idêntico ao nível obtido em leitura digital. As raparigas superam, em média, os rapazes ao nível da proficiência da leitura, tanto impressa como digital. Mas os rapazes revelam maiores habilidades de navegação digital e mais interesse e apetência pela leitura digital, o que deveria ser mais explorado para melhorar as competências leitoras dos rapazes e aumentar o seu prazer pela leitura. Estes dados permitem-nos concluir que o que é importante é ensinar aos alunos estratégias que lhes permitam desenvolver competências de leitura tanto para o impresso como para o digital.

O que nos parece importante realçar é o seguinte:

- "A leitura não atinge o seu objetivo sem compreensão, no entanto, os processos específicos da leitura não são processos de compreensão, mas aqueles que levam à compreensão." (Morais, 2007, p. 112)
- "A leitura não se promove com atividades extra-leitoras. A leitura promove-se lendo. Apenas assim." (Castro, 2012, p. 30)
- "Somos o que lemos. E somos o que a nossa imaginação literária nos acrescentou. Quem nunca leu ou quem leu muito pouco, não conhece nem o mundo em que vive nem os mundos que podemos sonhar." (Ceia, 2009, p. 7-8)
- "Es necesario enseñar a pensar y a hablar sobre los textos." (Colomer, 2001)
- "A compreensão dos textos varia naturalmente em função do desenvolvimento cognitivo do leitor, do seu domínio da linguagem e dos conhecimentos prévios relativos aos assuntos dos textos." (Vilar, 2016, p. 73)

A biblioteca escolar deve proporcionar aos alunos momentos de leitura e de discussão sobre os textos, estando estes, sempre, no centro das atividades. O que se pretende é que as atividades realizadas na biblioteca escolar ajudem a melhorar a compreensão leitora dos alunos, tornando-os leitores mais competentes, mais críticos e reflexivos e, simultaneamente, lhes despertem o interesse e o gosto pela leitura. Porque "Quem lê, vê mais; quem lê, sonha mais; quem lê, decide melhor; quem lê, governa melhor; quem lê, escreve melhor. Poucos são os atos que valorizamos e praticamos que não possam ser melhorados com mais leitura." (Ceia, 2009, p. 8)

> Referências bibliográficas

Azevedo, F. (Coord). (2007). *Formar Leitores – Das Teorias às Práticas.* Lisboa: Edições Lidel.

Azevedo, F. (2014). *Livro boas práticas, capítulo 4, Em busca de um compromisso com a leitura e a literatura*. Retirado de http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/32676/3/cap4_Livro_Boas_Pr%C3%A1ticas.pdf

Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Castro, R. (2012). *A intuição leitora, a intenção narrativa*. Lisboa: Ana Paula Faria - Editora.

Cassany, D. (2012). *En línea. Leer y escribir en la red*. Barcelona, Anagrama, Colección Argumentos.

Ceia, C. (2009). *O poder da leitura literária (contra as formas de impoder)*. Casa da Leitura, Fundação Calouste Gulbenkian. Retirado de http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/ot_leitliter_a.pdf

Cerrillo, C. P. (2007). *Literatura Infantil e Juvenil y Educación Literaria. Hacia una Nueva Enseñanza de la literatura*. Barcelona: Octaedro.

Colomer, T. (2001, Dezembro). La enseñanza de la literature como construción del sentido. Lectura y vida. *Revista Latinoamericana de Lectura*, 22(4), 1-19. Retirado de http://www.mdp.edu.ar/humanidades/documentacion/licad/archivos/modulos/sem-a/eje4/A02.pdf.

Crespo, M. I. (2006). *Cómo iniciar a la Lectura*. Málaga: Editorial Arguval.

Fernandes, P. (2007). Livros, leitura e literacia emergente: algumas pistas acerca do espaço e do tempo dos livros na promoção da literacia emergente em contexto de jardim-de-infancia. In Azevedo, F. (Coord). (2007). *Formar Leitores – Das Teorias às Práticas* (pp. 19-33). Lisboa: Edições Lidel.

Furtado, C. e Oliveira, L. (2010). *A Biblioteca Escolar na formação de comunidades de leitores-autores via Web*. Retirado de https://www.academia.edu/237266/A_BIBLIOTECA_ESCOLAR_NA_FORMA%C3%87%C3%83O_DE_COMUNIDADES_DE_LEITORES-AUTORES_VIA_WEB

Linuesa, M. C. (2007). *Leitura e cultura escrita*. Mangualde: Edições Pedagogo.

Machado, M. S. (2012). *Promoção da leitura recreativa - Um projeto da Biblioteca Escolar em articulação com Língua Portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Martins, M. e Viana, F. L. (2009). Dos leitores que temos aos leitores que queremos. In Martins, M. e Viana, F. L. (2009.) *Dos leitores que temos aos leitores que queremos. Ideias e projetos para promover a leitura.* (pp. 9-41). Coimbra: Almedina.

Melão,D. e Balula, J.P. (2012, Dezembro). Ler no ecrã: contributo para uma reflexão sobre estratégias de ensino da leitura na aula de Português. *EXEDRA*, 19, 229-242. Retirado de http://www.exedrajournal.com/exedrajournal/wp-content/uploads/2013/01/19-numero-tematico-2012.pdf

Morais, J. (2007). *A arte de ler. A Psicologia cognitiva da leitura*. Edições Cosmos.

National Literacy Trust (2015). The Impact of Ebooks on the Reading Motivation and Reading Skills of Children and Young People: A study of schools using RM Books. Final report. Retirado de http://www.literacytrust.org.uk/assets/0002/9076/The_Impact_of_Ebooks_final_report.pdf

Neville-Lynch, M. E. (2005). *Reading between the lines. A Balanced approach to literacy*. New York: Peter Lang Publishing.

Nina, I. (2008). *Da leitura ao prazer de ler: contributos da biblioteca escolar*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

OCDE (2012, Janeiro). Meninos e meninas estão preparados para a era digital? *Pisa em foco*, 12, 1-4. Retirado de https://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/pisainfocus/50530774.pdf

Pennac, D. (1996). *Como um romance*. Lisboa: Edições Asa.

Pontes, V. e Barros, L. (2007). Formar leitores críticos, competentes, reflexivos: o programa de leitura fundamentado na literatura. In Azevedo, F. (Coord). (2007). *Formar Leitores – Das Teorias às Práticas* (pp.69-87). Lisboa: Edições Lidel.

Poslaniec, C. (2006). *Incentivar o prazer de ler – atividades de leitura para jovens*. Porto: Edições Asa.

Ramos, R. (2015). *Fazer leitores na era digital: o contributo da biblioteca escolar*. Biblioteca RBE n.º 8. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares.

Ramos, R. (2011). *As novas tecnologias na biblioteca escolar ao serviço da promoção da leitura recreativa*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Reis, C. (2007). *Conferência Internacional sobre o ensino do português. Recomendações*. Retirado de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/recomendacoesciep.pdf

Santaella, L. (2011). *A leitura fora do livro*. Retirado de http://www.pucsp.br/pos/cos/epe/mostra/santaell.htm

Silva, E. et al. (2011). *Leitura. Guião de implementação do programa de português do ensino básico*. Lisboa: Ministério da educação, Direção geral de inovação e desenvolvimento curricular.

Sousa, O. (2007). O texto literário na escola: uma outra abordagem – Círculos de leitura. In Azevedo, F. (Coord). (2007) *Formar Leitores – Das Teorias às Práticas* (pp.45-68). Lisboa: Edições Lidel.

Soares, M. A. (2003). *Como Motivar para a Leitura*. Lisboa: Editorial Presença.

Solé, I. (1992). *Estrategias de Lectura*. Barcelona: Editorial Grao.

Silveira, T. (2014). *Cérebro e leitura. Fundamentos neurocognitivos para a compreensão do comportamento leitor no processo educativo*. Editora Lema d´Origem.

Tornero, J.M. (2011). *El aprendizaje de la lectura compreensiva y crítica*. Retirado de http://leer.es/documents/235507/242734/art_prof_lecturacomprensiva_pereztornero.pdf

Vilar, M.I. (2016). *O Plano Nacional de Leitura: fundamentos e resultados*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, especialidade em Literacias e Educação. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova.

9 bibliotecarbe
Rede Bibliotecas Escolares